

seara vermelha

JORGE AMADO



Posfácio de Nelson Pereira dos Santos

Copyright © 2009 by Grapiúna Produções Artísticas Ltda.

1ª edição, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1946

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Consultoria da coleção Ilana Seltzer Goldstein

Projeto gráfico Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Pesquisa iconográfica do encarte Bete Capinan

Imagens © Marcel Gautherot/Acervo Instituto Moreira Salles (capa); © Luiza Chioldi/ Companhia Fabril Mascarenhas (chita); © Acervo Fundação Casa de Jorge Amado (orelha). Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Cronologia Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Assistência editorial Cristina Yamazaki/ Todotipo Editorial

Preparação Leny Cordeiro

Revisão Angela das Neves e Huendel Viana

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.

Seara vermelha / Jorge Amado ; posfácio de Nelson Pereira dos Santos. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1571-6

I. Romance brasileiro I. Santos, Nelson Pereira dos II. Título.

09-10872

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

I. Romances: Literatura brasileira 869.93

Diagramação Spress

Papel Pólen Soft, Suzano Papel e Celulose

Impressão e acabamento RR Donnelley

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br



PRÓLOGO

A SEARA

A FESTA

1

O VENTO ARRASTOU AS NUVENS, A CHUVA CESSOU E SOB O CÉU novamente limpo crianças começaram a brincar. As aves de criação saíram dos seus refúgios e voltaram a ciscar no capim molhado. Um cheiro de terra, poderoso, invadia tudo, entrava pelas casas, subia pelo ar. Pingos de água brilhavam sobre as folhas verdes das árvores e dos mandiocais. E uma silenciosa tranquilidade se estendeu sobre a fazenda — as árvores, os animais e os homens. Apenas as vozes álcres das crianças, pelos terreiros, cortavam a calma daquele momento:

*Chove, chuva chuverando
Lava a rua do meu bem...*

Vestidas de trapos sujos, algumas nuas, barrigudas e magras, as crianças brincavam de roda. Farrapos de nuvem perdiam-se no céu de um azul-claro onde primeiras e leves sombras anunciavam o crepúsculo. Depois da chuva tudo parecia ter uma fisionomia mais alegre. Artur olhou as árvores que se estendiam por detrás da casa-grande, os galhos docemente agitados pela brisa, e sorriu imaginando que as árvores estavam satisfeitas após a chuva tão esperada.

— Tive medo esse ano... — resmungou para si mesmo.

Mas a chuva viera bastante em tempo e as colheitas seriam fartas. Artur calculou a alegria que deveria reinar nas casas dos colonos e dos meeiros e foi então que decidiu ir à festa. Esperaria a chegada do rapaz que fora ao arraial, buscar a correspondência e levar umas encomendas, e então daria um pulo na casa do Ataliba, beberia um trago de cachaça em honra da noiva, dançaria uma polca. Andou para a frente da casa-grande onde sua mulher, Felícia, cuidava de uns canteiros de flores.

— Vamos na festa de Ataliba...

— Tu se decidiu?

Fez que sim com a cabeça, saiu devagar para os lados do armazém. Iria à festa, sim. Os homens estariam satisfeitos, o receio da seca, temor que se renovava a cada ano, estava agora afastado, talvez ainda voltasse a chover naquela mesma noite, apesar de que no céu tão limpo nem mais uma única nuvem restasse. Artur aspirou o cheiro que subia da terra, sorriu novamente. Talvez agora os homens o olhassem com melhores olhos. Quando recebera o convite para a festa na casa de Ataliba disse que ia. Casamento e festa não eram coisas muito comuns pela fazenda e quando se anunciava uma brincadeira em qualquer das casas não se falava noutro assunto nas roças, durante dias, nas conversas do fim da tarde em casa dos trabalhadores, e para Artur sempre havia o problema de que todos queriam algum dinheiro, tinham sempre compras a fazer. Ele recebia os convites, prometia ir. Raramente ia, parecia-lhe que bastava com sua chegada para as festas perderem muito da alegria reinante, os homens não simpatizavam com ele. A esse pensamento Artur suspendeu os ombros num gesto característico. Não era culpa sua. Cumpria com sua obrigação, apertava os homens no trabalho, apertava os meeiros na hora das contas, pagava os preços estipulados, puxava pela fazenda é bem verdade, mas afinal não era para isso que ele era capataz? Qualquer outro que estivesse em seu lugar, como agiria? Gozava da confiança do dr. Aureliano, que se deixava ficar no Rio de Janeiro, vindo à fazenda uma vez na vida, e procurara provar ao patrão ser digno dessa confiança. Nunca a fazenda dera tanto lucro, nem mesmo no tempo do coronel Inácio que morava lá, tomando conta de tudo, decidindo as mínimas coisas. Os meeiros reclamavam, os trabalhadores olhavam-no com olhos cheios de ameaças, mas Artur não se preocupava, costumava dizer que “não tinha medo de caretas”.

No entanto certas coisas doíam-lhe e sabia que na fazenda moravam alguns que, com muito prazer, lhe fariam uma desfeita. Não era segredo para ele que, às escondidas, diziam a seu respeito

cobras e lagartos e que muitos homens bebiam em sua tenção. Aquilo não o alegrava tampouco. Gostaria de se dar bem com trabalhadores e colonos, fora trabalhador ele mesmo no tempo do coronel Inácio, se sentiria satisfeito se os homens fossem seus camaradas, viessem, sem ser chamados, tirar um dedo de prosa na varanda da casa-grande, não fechassem a cara quando ele entrasse nas festas. Por isso não ia quase nunca a nenhuma daquelas raras festas, apesar de Felícia gostar de uma dança e ele mesmo, Artur, ser doido por uma conversa, amigo de virar um trago de cachaça.

Chegou ao armazém de grandes portas fechadas, onde estavam os mantimentos para vender a trabalhadores e meeiros. Num quarto aos fundos guardavam os arreios da tropa. Tirou uma chave do bolso, abriu a porta. Os homens não tardariam a chegar do trabalho e como era dia de festa naturalmente haveriam de querer comprar alguma coisa. Pulou o balcão, o livro de assentamento estava em cima da mesa. Tomou maquinalmente dele e começou a virar-lhe as folhas. A conta de Mário Gomes estava grande. Nem com muito tempo de trabalho ele poderia pagar. Tinha que limitar o fornecimento. Mais um que lhe iria amarrar a cara, olhá-lo de banda, cuspir depois dele passar. Que poderia fazer? Virou a folha do livro. Jerônimo comprava pouco, quase só o que vestir, tinha sua mandioca, seu milho, sua batata-doce. Homem de juízo. Também lavrava o melhor pedaço de terra da fazenda. Se Artur fosse o dono daquela terra, ela não estaria em mãos de colono. Mas vinha com Jerônimo desde o tempo do coronel Inácio e o dr. Aureliano, mais preocupado com o Rio que com a fazenda, deixara tudo como encontrara quando da morte do velho. Enfim, isso era com o doutor que era o dono, a Artur bastava a raiva que já lhe dedicavam só por ele cumprir as ordens.

Espiou o céu que escurecia:

— Estão largando o trabalho...

Pulou novamente o balcão, atravessou a porta, sentou-se numa pedra que havia próxima ao armazém. Via de longe os meninos, seus filhos, brincando de roda em frente à casa-grande. Ali estavam três, os dois maiores encontravam-se na cidade, no colé-

gio. Seus filhos não seriam ignorantes como os homens que ali viviam, como ele mesmo, Artur, que apenas sabia ler e fazer as quatro operações. Que lhe importava o ódio dos trabalhadores e dos colonos se podia educar seus filhos, mandá-los para o colégio, fazer de um deles doutor, quem sabe?

Mário Gomes vinha andando, o machado na mão. Estava derubando, junto com outros, um resto de mata da fazenda. Os meninos cantavam e suas vozes infantis chegavam até Artur, penetravam-lhe no coração.

Mário acorrou-se perto da pedra:

— Boas tardes, seu Artur.

— Boas tardes, Mário. Afinal choveu...

— Deus seja louvado...

Mário Gomes queria comprar alguma coisa mas estava sem jeito, bem se via. As vozes das crianças:

Chove, chuva choverando.

— A festa vai ser boa, Mário?

— Festão... — riu.

— Tou com vontade de ir...

— Vosmecê? Ataliba vai ficar contente... É o casamento da menina dele e, se vosmecê for ir, ele vai engravidar de contente...

Podia não ser verdade mas Artur ouvia as vozes dos filhos cantando, recordava os dois que estavam no colégio interno. Mário Gomes devia muito, mas não era homem para fugir da fazenda e deixar a dívida por pagar:

— Tu quer comprar alguma coisa?

Mário olhou espantado:

— Era só um feijão e um litro de cachaça...

Artur levantou-se, andou para o armazém. Mário o seguiu ainda desconfiado:

— Vai ser uma festa falada...

Começavam a cair as sombras do crepúsculo.

2

ZEFA RESMUNGOU AS COSTUMEIRAS PALAVRAS ININTELIGÍVEIS e se dirigiu para os fundos da casa. O crepúsculo caía, demorado e triste, sobre os campos. O vulto do velho Jerônimo, tangendo a criação para o pequeno curral, desenhava-se contra o horizonte e uma sombra longa ondulava sobre o capim rasteiro. A vaca parou seu tardo caminhar para arrancar umas folhas da plantação de mandioca que já começava a crescer. Jerônimo soltou então seu grito de boiadeiro — recordação de um tempo distante quando conduzira grandes rebanhos para as feiras de gado — inútil grito porque os jumentos, as cabras e os porcos, sete cabeças ao todo, iam pacificamente para o seu destino noturno. E, quanto à vaca, era tão velha e mansa que mais parecia uma pessoa da família, de tal maneira se encontrava ligada àquelas existências. Mas Zefa estremeceu com o grito, era como se lhe recordasse uma obrigação indeclinável. Murmurou novas palavras, agitou-se, animaram-se seus olhos parados. A velha Jucundina, sem largar o menino, voltou toda a sua atenção para os movimentos de Zefa. Aquilo durava há muitos anos, mas a velha não se acostumara ainda de todo, esperava sempre uma surpresa, qualquer coisa como um estranho milagre, um fato assombroso. Nascera naquelas bandas, ali crescera, casara, tivera filhos e netos, conhecia cada palmo de terra, tinha as mãos calosas do plantio e da colheita, vira as secas e os jagunços, o assassinato na casa-grande que provocara tanto rebuliço, mas nada se comparava com aquilo. Estava certa de que um espírito encostara no corpo de Zefa para cumprir ali sua sentença de sofrimento, pagando os malfeitos do tempo de vivo, e essa era uma opinião generalizada pela gente da fazenda, agregados e colonos. Quando chegava a hora das rezas marcada pelo grito saudoso de Jerônimo tangendo a criação, a velha Jucundina ficava sempre na expectativa, pois poderia acontecer de repente. O quê, ela mesma não sabia. Talvez o espírito se fosse, seu tempo de sentença tivesse terminado, e pudesse ele enfim retomar o caminho das regiões celestes onde não havia nem fome, nem doenças, nem lágrimas.

E Zefa, que, algum dia, num passado esquecido, fora uma bonita moça, cobiçada pelos trabalhadores, de pernas grossas e cúpidos olhos, talvez retornasse à razão e reconhecesse os seus parentes, seu irmão Jerônimo, sua cunhada Jucundina, seus sobrinhos e primos. Como iria acontecer, Jucundina não sabia. Apenas esperava que o fato se desse, e a cada crepúsculo, quando Zefa se agitava para o início das suas orações, a velha ficava à espreita, porque com certeza seria naquela hora solene do fim do dia, quando as sombras começavam a cair criando um clima de mistério, quando as velas se acendiam, os ruídos se modificavam, e a cor do mundo era outra, que o milagre sucederia. Esperava já sem susto e quase sem emoção. Mas esperava. Tanto podia ser hoje, como amanhã ou no fim da semana, porém alguma vez seria e, quando acontecesse, a velha Jucundina ver-se-ia livre de um peso que estava de há muito sobre o seu coração.

Era um momento importante no dia trabalhoso da velha Jucundina, porque sempre sucedia que juntavam-se na sua memória, ao grito do velho Jerônimo, os fatos referentes a Zefa, a expectativa dos acontecimentos milagrosos que poderiam suceder, e a recordação dos três meninos que haviam partido. Eram já rapazes quando se foram, cada um por seu caminho, cada um para uma vida diversa. Menos Nenen, cujo nome era Juvêncio, quase uma criança ainda quando fora assentar praça. Os outros dois já eram homens feitos, mas para Jucundina continuavam sendo os “meninos” e neles pensava todos os dias naquela mesma hora do fim da tarde, talvez porque tivesse sido ao cair do crepúsculo que deram por falta de Nenen (só tempos depois viriam a saber que ele assentara praça na polícia militar) e até hoje a voz desencantada do velho Jerônimo ressoa aos ouvidos de Jucundina no amargo e único comentário do acontecido:

— Num fica nenhum cum nós, veia... Só nós é que vai morrer nessa terra, cumo os bichos e os pé de pau...

Apontava Agostinho, criança ainda:

— Um dia vai esse também...

Os anos tinham passado e nenhum dos três rapazes voltara.

Essa era outra secreta esperança da velha Jucundina. Vê-los regressar para que ajudassem Jerônimo no trabalho da terra. E, apesar de que haviam partido em datas diversas, cada um por sua vez, cada um por um caminho, cada um para um destino, imaginava — eram poucos e pequenos quadros, formados no correr do tempo, que se sucediam inalteráveis na sua imaginação — que regressariam juntos, juntos atravessariam a cancela e juntos lhe pediriam a bênção. Onde se encontrariam nessa viagem de regresso, a velha não sabia e já refletira mesmo sobre o assunto algumas vezes. Mas não conseguira marcar um lugar que aos três servisse e desistira pois lhe dava um cansaço na cabeça, e aumentava a tristeza, já que assim tinha que pensar sobre o que poderia ser a vida atual de cada um dos meninos. Como marcar o umbuzeiro para o encontro se José não tinha pouso nem caminho certo, podia vir por qualquer estrada, sempre como um fugitivo amedrontado? E Jão por onde chegaria, se a velha Jucundina não sabia direito a cidade onde ele estava destacado? Ao demais ela não queria pensar no presente dos rapazes, no que lhes estaria sucedendo naquele dia e naquela hora. Bom era vê-los chegando, no rastro de Jerônimo e dos animais, juntos os três, os sacos de viagem cheios de coisas de outras terras, de coisas até da cidade, e a voz, áspera mas cálida, pedindo a bênção. A voz que ela ouvia, mistura das três vozes, era a de Nenen, o menor dos três, o mais querido também.

E como tudo podia acontecer — “Deus é grande” — num mesmo dia, quem sabe se, quando os meninos chegassem de regresso, não partisse para sempre o espírito que perturbava Zefa, que enchia sua boca de palavras diferentes e escabrosas, que tornava fixos e amedrontados os seus olhos, que derramava aquela tristeza pelo corpo antes alegre e robusto? Foi aos poucos, devagarinho, que a velha Jucundina juntou numa única data os dois acontecimentos. Antes pensava num ou noutro separadamente. “Pode que hoje o espírito vá embora, tenha cumprido sua pena. Pode que hoje cheguem os meninos de volta, tenham cumprido seu destino.” E os dias se passavam e os crepúsculos sucediam-se, repetia-se monótono o grito melancólico de Jerônimo, Zefa re-

zava suas orações sem nexos e a porteira não se abria ao passo dos fugitivos. E uma e outra esperança foram-se fundindo, se misturando no passar do tempo, e agora tudo ia suceder num só dia, numa única tarde, e então — pensava a velha Jucundina — ela poderia morrer descansada. Porque tudo que desejava nesse mundo, onde se está para sofrer, teria sucedido, e não lhe restaria mais nada em que pensar, pois de há muito aprendera que desejar a posse da terra que trabalhavam era um sonho impossível e irrealizável.

3

TONHO ESTAVA COM TREZE ANOS E MAL OUVIRA O GRITO DO JERÔNIMO, abandonara a companhia de Noca, a irmãzinha de sete anos. Correria para o curral, ia ajudar o avô a tirar leite. Ficava segurando o bezerrinho pela corda para que ele não se aproximasse demasiado das tetas da vaca. Depois chegaria a vez da cabra. Noca e Ernesto — o menorzinho — tomavam esse leite, Jucundina afirmava que nada melhor que leite de cabra para criar menino. Tonho gostava daquele trabalho, a vaca era a própria mansidão e por vezes ele a cavalgava, apesar dos ralhos do avô. Brincava também com o bezerrinho, imitava seus mugidos, bulia com o jumento, única das criações que tinha nome, pois se chamava Jeremias e, ao ouvir chamar-se assim, logo vinha no seu passo demorado. Com a chuva, poças de água suja enchiam a estrada e Tonho pisava em cada uma delas, diversão melhor não podia haver. Espiava para trás, Noca era uma tola que ficava na porta da casa em companhia da gata amarela, a Marisca. Não sabia o bom que era o trabalho no curral, tirar leite, bulir com Jeremias.

Noca estava com medo. Segurava a gata contra o peito magro e sujo. Tonho lhe dissera que naquela noite, que era a da festa de Ataliba, eles iam ficar sozinhos em casa, os dois e mais o pequeninho, e que o bicho viria com certeza e comeria Noca.

— Come tu também...